

Introdução: «Os Espíritos do Mal Que Estão nos Céus»

O vigésimo aniversário da queda do Muro de Berlim deveria ter sido para nós um momento de reflexão. Tornou-se um *cliché* sublinhando a natureza «miraculosa» da queda do Muro: como um sonho que se tornasse realidade. Com a desintegração dos regimes comunistas, que ruíram como um castelo de cartas, qualquer coisa de inimaginável acontecia, qualquer coisa que poucos meses antes ninguém teria considerado possível. Quem, na Polónia, poderia ter imaginado a realização de eleições livres ou a presidência de Lech Walesa? No entanto, devemos ter presente que um «milagre» ainda maior ocorreria alguns breves anos mais tarde: ou seja, o regresso ao poder dos ex-comunistas através de eleições livres e democráticas, e a marginalização total de Walesa, que se tornara ainda mais impopular do que o homem que, uma década e meia antes, tentara esmagar o Solidarnosc por meio de um golpe de Estado — o general Wojciech Jaruzelski.

A explicação corrente desta última reviravolta evoca as expectativas utópicas «imaturas» da maioria, cujos desejos são tidos por contraditórios, ou, melhor, inconsistentes. O povo queria comer o bolo e ficar com ele: queria a liberdade capitalista-democrática e a abundância material, mas sem pagar todo o preço de viver numa «sociedade de risco» — ou seja, sem perder a segurança e a estabilidade outrora (mais ou menos) garantidas pelos regimes comunistas. Como alguns sarcásticos observadores ocidentais previsivelmente fariam notar, a nobre luta pela liberdade e pela justiça levava a pouco mais do que a uma corrida às bananas e à pornografia.

Quando o inevitável sentimento de frustração se manifestou, deu origem a três reacções (por vezes opostas, por vezes sobrepostas): 1) a

nostalgia pela «velha e boa» época comunista¹; 2) o populismo nacionalista de direita; 3) uma paranóia anticomunista renovada e diferida. As duas primeiras reacções compreendem-se facilmente. A nostalgia comunista em particular não deve ser levada demasiado a sério: longe de exprimir um autêntico desejo de regresso à realidade cinzenta do regime anterior, aproxima-se mais de uma forma de luto — um processo de abandonar suavemente o passado. A ascensão do populismo de direita, pelo seu lado, não é uma especialidade europeia oriental, mas um traço comum a todos os países apanhados pelo sorvedouro da globalização. Mais interessante é, portanto, a terceira reacção, a ressurreição insólita de uma paranóia anticomunista ao fim de duas décadas. À pergunta «Se o capitalismo é, de facto, tão superior ao socialismo, porque continuam as nossas vidas a ser tão miseráveis?», fornece uma resposta simples: é porque, de facto, não chegámos ainda ao capitalismo, é porque os comunistas continuam, de facto, a governar, só que usando agora as novas máscaras de proprietários e de gestores...

É um facto evidente que, entre os que protestavam contra os regimes comunistas da Europa de Leste, a grande maioria não estava a reivindicar uma sociedade capitalista. Queriam segurança social, solidariedade, uma certa forma de justiça; queriam a liberdade de viver as suas próprias vidas fora da vigilância do controle do Estado, a liberdade de se poderem reunir e falar como bem entendessem; queriam uma existência livre de uma doutrinação ideológica primitiva e da hipocrisia cínica prevalecente. Como numerosos analistas perspicazes observaram, os ideais que inspiravam os contestatários eram em larga medida extraídos da própria ideologia socialista dominante: aquilo a que aspi-

1 O esgotamento do socialismo do Estado-Partido do século xx é evidente. Num importante discurso público, proferido em Agosto de 2009, Raúl Castro atacava os que se limitam a gritar: «Morte ao Imperialismo Norte-Americano! Longa Vida à Revolução!», em vez de se empenharem num trabalho difícil e paciente. Segundo Castro, toda a culpa da situação vivida em Cuba (um país fértil que importa 80 por cento dos géneros alimentares que consome) cabe ao embargo americano, que faz que haja, por um lado, pessoas desocupadas e, por outro, terras por cultivar e ao abandono. A solução não será, obviamente, começar a trabalhar a terra? De acordo, sem margem para dúvidas — mas Castro esqueceu-se de incluir no quadro descrito a sua própria posição: se as pessoas não trabalham nos campos, não é evidentemente por serem preguiçosas, mas porque a economia dirigida pelo Estado-Partido não lhes proporciona maneira de o fazerem. Assim, em vez de acusar a gente comum, Castro deveria ter antes recorrido à velha máxima estalinista, segundo a qual o motor do progresso socialista é a autocritica, e submetido a uma crítica radical o próprio sistema que ele e Fidel personificam. Aqui, uma vez mais, o mal reside no olhar crítico que só descobre o mal em tudo o que o rodeia...

ravam poderia receber justificadamente o nome de «socialismo de rosto humano».

A questão decisiva aqui é a da interpretação que fazemos do colapso destas esperanças. A resposta corrente, como já vimos, refere-se ou ao realismo capitalista ou à sua ausência: as pessoas simplesmente não tinham uma imagem realista do capitalismo; transbordavam de expectativas utópicas imaturas. Na manhã seguinte à embriaguez entusiástica dos dias da vitória, impôs-se às pessoas a sobriedade e a necessidade de se confrontarem com a dolorosa aprendizagem das regras da nova realidade, reconhecendo o preço a pagar pela liberdade económica e política. Com efeito, é como se a esquerda europeia tivesse tido de morrer duas vezes: primeiro, sob a forma da esquerda comunista «totalitária»; depois sob a forma de esquerda democrática moderada, que, nos últimos anos, tem vindo a perder gradualmente terreno em Itália, em França e na Alemanha. Até certo ponto, este processo pode ser explicado pelo facto de os partidos centristas e até mesmo conservadores hoje em ascensão terem adoptado numerosos pontos programáticos tradicionalmente de esquerda (apoio a uma certa versão de Estado social, tolerância em relação às minorias, etc.), a tal ponto que, se, por exemplo, uma Angela Merkel apresentasse o seu programa nos Estados Unidos, seria acusada de esquerdismo radical. Mas esta abordagem só funciona parcialmente. Na actual democracia pós-política, a bipolaridade tradicional entre um centro-esquerda social-democrata e um centro-direita conservador tem vindo a ser progressivamente substituída por uma nova bipolaridade entre a política e a pós-política: entre o partido tecnocrático-liberal e multiculturalista-tolerante da administração pós-política e a sua contrapartida da direita populista, promotora de uma combatividade política — não é, por isso, surpreendente que os velhos adversários centristas (os conservadores ou democratas-cristãos e os social-democratas ou liberais) se vejam muitas vezes obrigados a conjugar forças contra o inimigo comum². (Freud escreveu sobre

2 Em Maio de 2008, tiveram lugar duas explosões exacerbadas. Em Itália, uma turba incendiou abarracamentos de ciganos nos subúrbios de Roma (perante a aprovação silenciosa do governo populista de direita) — este escândalo não pode deixar de nos impor a recordação de uma observação do Husserl tardio, afirmando que, embora os ciganos vivessem havia séculos na Europa, não faziam realmente parte do espaço espiritual europeu: esta afirmação torna-se ainda mais inquietante quando temos presente que Husserl a escreveu depois de os nazis se encontrarem já no poder e de ele próprio ter sido expulso da universidade por razões exactamente da mesma ordem, sendo que os ciganos podem ser considerados judeus por procuração. A segunda explosão teve lugar na África do Sul,

Unbehagen in der Kultur, o mal-estar/insatisfação na cultura: hoje, vinte anos depois da queda do Muro de Berlim, experimentamos uma espécie de *Unbehagen* do capitalismo liberal. Agora a questão fundamental é: quem irá articular esse mal-estar? Deixaremos que seja explorado pelos populistas nacionalistas? Fazer por que assim não seja é a grande tarefa da esquerda.)

Deveremos, portanto, rejeitar o impulso utópico que motivava os protestos anticomunistas como sinal de imaturidade, ou deveremos permanecer-lhe fiéis? A este propósito, vale a pena observar que a resistência ao comunismo na Europa de Leste assumiu, na realidade, três formas sucessivas: 1) a crítica marxista «revisionista» dos socialismos realmente existentes («o verdadeiro socialismo não é isto, queremos retomar a verdadeira versão do socialismo como sociedade livre») — aqui podemos lembrar maldosamente que o mesmo processo teve lugar nos primeiros tempos da Europa Moderna, quando a oposição secular ao papel hegemónico da religião se viu forçada a começar por se exprimir sob a forma de heresia religiosa; 2) a reivindicação de um espaço autónomo da sociedade civil livre das imposições do controle do Estado-Partido (tal era a posição oficial do Solidariedade durante os seus primeiros anos de existência — a mensagem que endereçava ao Partido Comunista era: «não queremos o poder, queremos apenas um espaço livre e fora do vosso controle onde possamos exercer uma reflexão crítica sobre o que se passa na sociedade»); 3) por fim, a luta declarada pelo poder: «queremos um poder democrático legitimado em termos plenamente democráticos; o que significa que é tempo de vocês se porem a andar». Pois bem, serão as duas primeiras formas apenas simples ilusões (ou antes, compromissos estratégicos), que devemos, portanto, rejeitar por completo?

O pressuposto em que este livro assenta é simples: o sistema capitalista global aproxima-se de um ponto-zero apocalíptico. Os seus «quatro cavaleiros do Apocalipse» são, respectivamente, a crise ecológica, as consequências da revolução biogenética, os desequilíbrios internos do próprio sistema (os problemas suscitados pela propriedade intelectual, os conflitos vindouros em torno das matérias-primas, dos recursos ali-

quando vários grupos amotinados atacaram refugiados de outros países (sobretudo do Zimbabwe), declarando que os refugiados lhes estavam a roubar a habitação e os postos de trabalho — num exemplo que mostra como o racismo populista europeu se reproduz entre os próprios negros africanos.

mentares e da água) e o aumento explosivo das divisões e exclusões sociais.

Cingindo-nos para já ao último aspecto, em parte nenhuma as novas formas de *apartheid* são mais palpáveis do que nos ricos Estados proprietários de petróleo do Médio Oriente — o Koweit, a Arábia Saudita e o Dubai. Escondidos nas cinturas das cidades, muitas vezes literalmente cercados de muros, dezenas de milhar de trabalhadores imigrantes «invisíveis» fazem todos os trabalhos sujos, das tarefas de manutenção à construção civil, separados das suas famílias e em condições absolutamente desprotegidas³. Esta situação incorpora evidentemente um potencial explosivo, que, embora seja hoje explorado pelos fundamentalistas religiosos, deveria ter sido mobilizado pela esquerda na sua luta contra a exploração e a corrupção. Um país como a Arábia Saudita está literalmente «além da corrupção»: esta deixou de ser necessária porque o bando governante (a família real) detém já toda a riqueza, que distribui livremente como melhor lhe convém. Nestes países, a única alternativa perante a reacção fundamentalista seria uma espécie de Estado-Providência social-democrata. Se a presente situação se mantiver, seremos sequer capazes de imaginar a transformação da «psicologia colectiva» ocidental, quando (não *se*, mas precisamente *quando*) algum «Estado-bandido» ou grupo de «Estados-bandido» dispuser de uma bomba nuclear, ou de uma arma biológica ou química altamente potente, e declarar a sua vontade «irracional» de arriscar tudo servindo-se dela? As coordenadas fundamentais da consciência que temos das coisas terão, sem dúvida, de mudar, uma vez que hoje vivemos num estado de denegação fetichista: sabemos muito bem o que terá de acontecer mais cedo ou mais tarde, mas, apesar de o sabermos, não somos capazes de acreditar que será assim. A tentativa dos Estados Unidos de impedir que se

3 Ver Johann Hari, «A morally bankrupt dictatorship built by slave labour», *Independent*, 27 de Novembro de 2009, p. 6. Invisíveis aos olhos dos que visitam o Dubai pelo fulgor de alta sociedade consumista do país, os trabalhadores imigrados são relegados para os subúrbios e vivem em alojamentos degradados e sem ar condicionado. São transportados para o Dubai do Bangladesh ou das Filipinas, seduzidos pela promessa de salários elevados; à chegada, são-lhes apreendidos os seus passaportes; informam-nos de que os seus salários serão muito inferiores ao prometido — a seguir ao que são forçados a trabalhar durante anos em condições extremamente perigosas até pagarem a sua dívida inicial (contraída através da aquisição dispendiosa de uma passagem para o Dubai); caso protestem ou façam greve, são espancados e reduzidos à submissão pela polícia. Tal é a realidade que sustentam grandes «humanitaristas» como Brad Pitt, que opera investimentos maciços no Dubai.